

DR. ANÍBAL PEREIRA REIS

**O
SANTO
QUE
ANCHIETA
MATOU**

“CAMINHO DE DAMASCO”

Dr. ANÍBAL PEREIRA DOS REIS

O SANTO QUE ANCHIETA MATOU

**EDIÇÕES "CAMINHO DE DAMASCO" Ltda.
SÃO PAULO 1981
SÃO PAULO**

**Direitos exclusivos cedidos a Edições "Caminho de Damasco"
que se reserva a propriedade literária desta edição.**

Digitalizado por mvdr



www.semeadoresdapalavra.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

SEMEADORES DA PALAVRA e-books evangélicos

**EDIÇÕES "CAMINHO DE DAMASCO" Ltda.
Caixa Postal 11.755
01000 - SÃO PAULO - BRASIL**

ÍNDICE

Prefácio	5
Sua identidade e seu ideal	7
A França do seu tempo	9
A Bênção da perseguição	12
Em rumo do Brasil	18
A triste realidade da traição	20
Intrépido missionário	22
Sua prisão	25
A participação assassina de Anchieta	27
Bollés o Santo	29

PREFÁCIO

JOÃO PAULO II, aos 22 de junho de 1980, em pomposa solenidade no Vaticano celebrada, na presença de luzidios representantes do catolicismo brasileiro, "beatificou" o "pe." José de Anchieta, instalando-o no rumo definitivo da "canonização", ato a se concretizar em futuro bem próximo, pelo qual, incluindo-o no elenco dos "santos" romanos, consoante os ensinamentos de sua teologia, elevá-lo a intercessor dos seus devotos perante Deus e credenciá-lo ao culto público no mundo inteiro.

Vindo ao Brasil, passando pela Capital de São Paulo, o pontífice da idolatria, no Campo de Marte, celebrou a primeira missa em louvor do novel "beato", em cujo ensejo proferiu sua homilia laudatória à "fascinante figura do Bem-Aventurado Anchieta".

Os cultivadores da História Pátria, enojados, torceram o nariz diante dessa descabida adjetivação e dos conceitos emitidos pelo "papa" acerca do "bem-aventurado". Sabem eles da real dimensão dos males causados ao Brasil por Anchieta e seus confrades jesuítas. Ao invés de aplausos ao "pontífice" beatificador erguem seus apupos às manobras do clero empenhado em elevar aos altares da superstição nacional o "pe." José de Anchieta,

que não foi santo, que, embora canonizado, no será o primeiro "santo" brasileiro por ser ele espanhol; cujos "milagres" se capitulam entre as reles mistificações de prestidigitadores das coisas religiosas; que sem ser brando massacrou pobres silvícolas; que nas Reduções Jesuítas de Piratininga escravizou brasilíndios; que esmagou mamelucos; que perseguiu calvinistas... Anchieta, um mistério de crimes, de espoliações e de embustes...

Os evangélicos brasileiros, já expressiva minoria consciente, sempre participes ativos nas soluções dos problemas nacionais e nas celebrações dos grandes eventos; os evangélicos brasileiros, fiéis contribuintes dos tributos legais, sem suas Igrejas sugarem os erários públicos; os evangélicos brasileiros

disseminadores de expressiva corrente de escolas e obras sociais por seus esforços e às suas expensas mantidas; os evangélicos brasileiros, úteis cidadãos porque trabalham com honra para o -engrandecimento da Nação; os evangélicos brasileiros que se constituem, por repelirem os vícios corruptores das massas como a jogatina, na maior força moral do Brasil; os evangélicos brasileiros, conquanto repudiem as atitudes e as palavras de João Paulo II alusivas ao ambicionado "apostolo do Brasil", reconhecem do "pe" José de Anchieta, como inolvidável e irrecusável ação, o suplício de um seu irmão na fé evangélica.

Sem aplaudi-lo por essa criminoso ação, admitem a sua presença inquisitorial na vida heróica do verdadeiro santo *JEAN JACQUES LE BALLEUR*, o João Bollés, pelas próprias mãos de Anchieta, em 1567, enforcado no Rio de Janeiro.

João Bollés, mártir do verdugo Anchieta, é exemplo luminoso de ousadia no ministério de semear a Palavra de Deus e de indobrável fidelidade a nosso Senhor Jesus Cristo.

A "beatificação" do carrasco e os pronunciamentos de João Paulo II sobre Anchieta, impulsionam-nos a divulgar, não só o nome de Jean Jacques le Balleur, mas acima de tudo, o seu vibrante testemunho de heróica lealdade à Causa do Evangelho.

Estas poucas páginas não querem enaltecer um simples mortal. Anelam glorificar o Senhor da Vida por haver recolhido a de Bollés quando a corda do algoz lhe estrangulou a garganta.

Se a língua de Bollés emudeceu pelas mãos assassinas de Anchieta, seu exemplo, agora memorado por estes capítulos, há de estimular a todos os evangélicos brasileiros a exaltar pela palavra e pela conduta a magnífica e insilenciável VERDADE INTEGRAL DO EVANGELHO.

São Paulo, 22 de Janeiro de 1981

Dr. ANÍBAL PEREIRA DOS REIS, membro da Academia Evangélica de Letras, da Associação Brasileira de Cultura e da União Brasileira de Escritores.

SUA IDENTIDADE E SEU IDEAL

NÃO IMPORTA apresentar-se ele perante a História destituído de origem genealógica. Nas Sagradas Escrituras encontro destacados personagens em idêntica situação. Vem-me agora a lembrança Melquisedeque, "sem pai, sem mãe, sem genealogia, não tendo princípio de dias.." (Hb.7:3). E também Elias, o insigne profeta das paginas dos Livros de Reis, que de tão eminente atuação, apesar de nada haver deixado escrito, consubstanciou a Profecia do Velho Testamento representando-a no Monte da Transfiguração (Mt.17:4), Elias apresentado simplesmente como "o tisbita que habitava em Gileade" (1 Rs.17:1).

Ignoramos os seus antepassados. Conhecemos contudo a sua personalidade avultada entre os servos de Deus. Personalidade enriquecida de notável cabedal de conhecimentos, exonada de intrépida coragem, revestida de tẽmpera de herói na sustentação inquebrantável dos Princípios Bíblicos, dotada de constante intrepidez no semear a Palavra de Deus.

Seu nome: JEAN JACQUES LE BALLEUR.

Francês de nascimento, na França cresceu, viveu sua mocidade, estudou e serviu a Deus. Estudou para melhor servir ao Evangelho e não por afagar inconsistentes ideais de projeção social ou de riquezas materiais.

A mentalidade também nos meios evangélicos dos nossos dias por completo oposta e não confere com os padrões estabelecidos por Jesus Cristo. Somos os antípodas dos heróis da Bíblia que a tu do renunciavam por servir, em pobreza e humildade a Deus, O exemplo de Jean Jacques le Balleur nos desassossega, como nos incomoda o desprendimento de Moisés que escolheu "antes ser maltratado com o povo de Deus" e ter "por maiores riquezas o vitupério de Cristo do que os tesouros do Egito" (Hb. 13:25-26).

Pergunte-se senhora evangélica como lhe vai o filho. A resposta da mãe materializada surge vaidosa: Ah, ele vai muito bem! Deus o tem abençoado muito. Esta num ótimo emprego.

Com bom salário. E agora constrói casa de estilo moderno. Comprou amplo apartamento no bairro grã-fino. Seu automóvel luxuoso. Ele não pode mais ficar sem carro... Bênçãos de Deus!

Se o filho enferma provado por Deus. A doença não é benção. Se ganha pouco preciso orar a Deus que lhe melhore os salários. Se estuda é por granjear mais elevada posição social resultante dos bens materiais em maior quantidade obtidos.

Jean Jacques le Balleur enriqueceu sua personalidade com muitos conhecimentos para melhor servir a Deus. E servi-lo em humildade e renuncia do conforto da terra. Por isso foi abençoado. Abençoado até à perseguição. Até ao martírio.

A FRANÇA DO SEU TEMPO

GOVERNAVA-A A AUTORITÁRIA e cruel Rainha Catarina. Como manipuladora prepotente da política francesa e italiana com enorme influência sobre a Espanha, Portugal, Alemanha e outros países europeus, bem como sobre o papado romano, sobressai a Família dos Médicis qual pertencia a Rainha sanguinária.

Aconselhada pelo seu mentor, o ferocíssimo cardeal de Lorena, Catarina se conduzia no trato para com os evangélicos e protestantes qual Jezabel para com os profetas de Deus.

Em 1534 ascendera ao trono papal o italiano florentino Júlio do clã familiar dos Médicis e tio da Rainha da França.

O “papa”, que adotara o apelido de Clemente VII, de clemente nada possuía. Ao contrário, votava ódio de extermínio aos protestantes instigando sua crudelíssima sobrinha a trucidá-los no objetivo de por completo remove-los do território francês. Deveriam eles, os protestantes, incitava o soberano pontífice, “ser exterminados e os menos criminosos ser lançados na prisão, onde seriam obrigados a fazer uma perpétua penitência com o pão da dor e água da tristeza” (De Felice, HISTÓRIA DOS PROTESTANTES DA FRANÇA, v 01. 1, p. 29).

No propósito de aniquilamento rápido da heresia, criaram-se, sob inspiração do clero, “ligas impulsionadas de inexcedível violência, cujos membros, católicos fervorosos, dispunham de carta branca para sendo-lhes concedidas indulgências especiais em troca de cada protestante trucidado.

Os “papas” Paulo IV e Pio IV, imediatos sucessores de Clemente VII, em sua trilha macabra de sangue rivalizaram-se em sanha de ódio aos “hereges”. Pio V seguiu-lhes o programa de tirania e em carta ao Rei Carlos IX, sucessor de Catarina na coroa da França, aconselhou a ensurdecer-se a todas as súplicas e a sufocar as raízes da “heresia” até as últimas fibras (César Cantú, HISTÓRIA UNIVERSAL, vol. XVI, p. 26). E assinalava o pontífice: “o melhor holocausto para Deus o sangue dos inimigos da religião católica!” (De Felice, ob.cit., vol. I, p. 179).

Nesse cenário de vindita aos protestantes surgira o notável Almirante francês GASPAR DE COLIGNY. Seus serviços de inestimável valor pátria credenciaram-lhe o respeito público. A vivência da fidelidade inflexível e constante as convicções evangélicas atraía a cólera dos potentados do seu país. Escureceram-se-lhe os méritos advenientes de seus destacados feitos em prol da pátria.

Em defluência de seus princípios religiosos evangélicos, adjetivara-o o “papa” Pio V de “homem detestável, infame, execrável, se até merecia o nome de homem” (De Felice, ob.cit., p. 193). E instigado pelo pontífice católico o Parlamento pôs, em 1569, a sua cabeça a preço.

Em irreprimível ritmo acelerado recrudescia o ódio contra os protestantes em rumo de um trágico desfecho. O cardeal de Lorena, com a aprovação e bênçãos pontifícias de Gregório XIII engendrou o mais horrível banho de sangue por motivos religiosos em toda a História da França onde qualquer nação do mundo. Consumou-se o projeto assassino aos 24 de agosto de 1572, a inqualificável NOITE DE S. BARTOLOMEU, sendo nesse macabro festival de sangue, morto o impertérito Coligny, mártir do Evangelho e honra, de sua Pátria.

Como troféu da bárbara carnificina, a cabeça de Coligny fora remetida ao “sumo pontífice” Gregório XIII (M. Lachatre, HISTÓRIA DOS PAPAS, vol. IV, p. 68).

E o “santo padre”, festivo, editou um jubileu enviando Europa inteira, “a fim de que os povos católicos se regozijassem com o seu chefe por este magnífico holocausto oferecido ao papa pelo Rei da França” (M. Lachatre, ob.cit., vol.IV, p. 68).

Eis o cenário da vida de Jean Jacques le Balleur ao tempo de sua mocidade e começo da maturidade.

Formado na escola da perseguição, preparara-lhe Deus o coração para servi-lo como Ministro de Sua Palavra.

Contemporâneo de João Calvino (1509—1564), o notável teólogo da Reforma, participou le Balleur da Denominação dos Huguenotes, de teologia calvinista, e, em suas atividades de Pregador do Evangelho, soube honrar o Nome Sagrado de Jesus Cristo e os Princípios-colunas das Escrituras enaltecidos no pensamento teológico de Calvino, o homem de raciocínio arguto

e penetrante, que em poucos anos de existência nesta terra, apenas 55, levou uma vida de uma vida de inexcedível intensidade intelectual com uma produção teológica de notável valor insuperável.

Os grandes homens, alias, timbram pela sua luminosa presença nos decisivos momentos de trágicos combates. As fases de acomodação e passividade sibarita só produzem as nojentas lesmas e os acomodaticios moluscos que se agarram quais para sitas sinecuras da sociedade descomprometida com a Verdade e a Decência.

Jean Jacques le Baileur, contudo, soube, pela sua conduta, dignificar a escola calvinista que o formara para o Evangelho!

A BÊNÇÃO DA PERSEGUIÇÃO

DESDE QUANDO o sofrimento é benção?, questionarão os comodistas.

E se não fosse realmente benção nosso Senhor Jesus Cristo no o teria imposto como indispensável condição de Seu discipulado: "Se algum quer vir após Mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz, e siga-Me" (Mt. 16:24), elucidando outrossim o motivo de semelhante cláusula: "quem não tomar a sua cruz e não segue após Mim, não digno de Mim" (id. 10:38).

Benção de inestimável preço o sofrer a se constituir também fonte de bem-aventurança: "Bem-aventurados os que choram... Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da Justiça..." (id. 5: 4,10).

Assistido foi de toda a razão, por conseguinte, Paulo Apóstolo quando concitou: "gloriemo-nos nas tribulações" (Rm. 5:3).

E de todos os sofrimentos o de maior motivo de galardões o das perseguições: "Bem-aventurados sois vós", propõe Jesus Cristo, "quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por Minha causa. Alegrai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos Céus; porque assim perseguiram aos profetas que foram antes de vós" (Mt. 5:11-12). "Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, e quando vos expulsarem da sua companhia, e vos injuriarem, e rejeitarem o vosso nome como indigno, por causa do Filho do Homem. Regozijai-vos nele e exultai, porque assim faziam os seus pais aos profetas" (Lc. 6:22-23).

Pedro entendeu perfeitamente o alcance dessa proclamação de Jesus e pode assinalar: "Se pelo Nome de Cristo sois vituperados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da Glória, o Espírito de Deus" (1 Pd. 4:14). Por isso, se o irmão "padece como cristão, não se envergonhe, antes glorifique a Deus neste Nome" (id. 4:16).

À fidelidade do discípulo vinculam-se inerentes vicissitudes. Nada a se estranhar! Coloca-se, aliás, Jesus Cristo como

paradigma: "Se o mundo vos aborrece, sabeis que, primeiro do que a vós, Me aborreceu a Mim. Se vós fosseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; mas, porque não sois do mundo, antes eu vos escolhi do mundo, por isso que o mundo vos odeia. Lembrai-vos que Eu vos disse: Não é o servo maior do que o seu senhor. Se a Mim Me perseguiram, também vos perseguirão a vós" (Jo. 15:18-20).

Recrudescerão as perseguições na proporção do evoluir do tempo: "vem mesmo a hora em que qualquer que vos matar", disse ainda Jesus, "cuidará de fazer um serviço a Deus" (id. 16:2).

Os sofrimentos das perseguições outrossim constituem-se no teste, no critério de avaliação da nossa fidelidade ao Senhor, consoante a escritura do Apóstolo: "E também todos os que piamente querem viver em Cristo padecerão perseguições" (II Tm. 3:12).

Ainda mais! As perseguições são o elemento propulsor da difusão do Evangelho.

À falta delas os discípulos se acomodam... suavizam-se... E o Evangelho que pregam torna-se um evangelho distorcido e acomodatório. Um evangelho da convivência. Um evangelho pasteurizado, miniaturizado... De matéria plástica... Amorfo! Um evangelho comprometido com a filosofia epicurista do mundo. E seus pregadores querem encontrar fator de credibilidade a justificar sua consciência amarecida e pusilânime no carro último-modelo, na roupa do recente figurino, na casa empetecada dos adereços do consumismo, na tergiversação diante dos desmandos da sociedade sibarita, no eufemismo sonegador da Verdade, nos programas evangélicos de teve autênticos shows nos moldes mundanos...

À falta das perseguições o Evangelismo se torna somente de fachada... Ávido de estatísticas, aficionado dos números... Um evangelismo tipo frente-única: coberto na frente e descoberto nas costas, senão quando sem qualquer respaldo da Verdade na vanguarda e na retaguarda.

Abro a Bíblia! Em Atos dos Apóstolos. Quero ver o resultado das perseguições naqueles primórdios do Cristianismo.

Aos Apóstolos Jesus prometera e determinara: "Mas recebereis o poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e ser-Me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra" (At. 1:8).

O hebreu era exclusivista. Trancado no seu estreito nacionalismo. Nem com os samaritanos, povo mestiço, se comunicava (Jo.4:9).

Por certo a Palavra de Jesus soara mal aos ouvidos dos discípulos. Onde já se viu ir a Samaria? E aos confins da terra dos gentios?

Sobreveio-lhes no dia do Pentecostes o batismo no Espírito Santo a capacitá-los e a provisionar-lhes a alma para a ingente tarefa. A operação: atingir com o Evangelho a Samaria e todos os quadrantes da terra excedia sua capacidade humana e natural de israelita.

Sucedem-se os prodígios. Na porta especiosa do Templo, palavra de Pedro e João, o Senhor concede caminhar a um homem coxo de nascença. Pedro, incentivado pelo portento, prega o Evangelho ao povo atônito e, chamado a dar contas perante o tribunal do Sinédrio, fala com ousadia, acerca da Ressurreição de Jesus. Ocorre a morte prodigiosa de Ananias e Safira. Prodigiosa porque os sinais de Deus se manifestam também como juízo aos homens, semelhança dos episódios do tempo da libertação dos ergástulos do Egito. Detidos os Apóstolos, um anjo, à noite, abre-lhes as portas do cárcere e, chamados presença dos sinedritas, Pedro fala-lhes outra vez da Ressurreição de Jesus e da necessidade de arrependimento dos pecados e de fé no Senhor

Os prodígios espetaculares abalam a opinião pública e as reservas dos juízes sinedritas. Os Apóstolos, porém, permanecem em Jerusalém. Cinco ou seis anos se passaram e nem se recordam atingir Samaria extrapolando seu Ministério em cumprimento do Grande Mandato do Mestre.

Sobrestavam na calma de Jerusalém oriunda do conceito granjeado pelos milagres perante o povo e as autoridades em decorrência dos milagres.

Sobressalta-lhes a perseguição. Entra matando Estevão. Sobressaltados dispersam-se os discípulos pelas regiões da Judéia e da Samaria. Se não fosse a violência da perseguição o Evangelho continuaria circunscrito aos limites de Jerusalém.

Todos são acoissados e se dispersam é... todos exceto os Apóstolos”, sublinha At. 8:1. Sobrestiveram em Jerusalém os Apóstolos teimosos.

Filipe atinge a Samaria. Filipe, um diácono, um servidor das mesas, sozinho, desce a Samaria, onde sua particular iniciativa move os corações converso. Informados da ocorrência, os Apóstolos, somente após o trabalho de Filipe, enviam Pedro e João a confirmar o Ministério de surpreendentes resultados do diácono. Embora de passagem evangelizem muitas aldeias dos samaritanos retornam para Jerusalém (At. 8:25).

Nem a manifestação do Espírito Santo sobre os samaritanos recebido por imposição de suas mãos os prende à Samaria. Sua obsessão é a Capital de Judéia, o centro religioso da Nação.

Tocado pelo Poder do Evangelho quando viajava de Jerusalém a Damasco, Paulo não volve a Jerusalém. Em Damasco onde, segundo seus projetos, as solaría a Igreja de Deus, o novo convertido, prega a Mensagem Salvadora.

Retornando posteriormente a Jerusalém alvo da perseguição da desconfiança dos próprios discípulos, o que o estimula ainda mais ousadia. Procuram-no matar os judeus. Escurraçado pela violência segue, via Cesaréia, para Tarso, sua terra natal.

Entrementes multiplicavam-se as Igrejas em toda a Judéia, Galiléia e Samaria.

O ambiente de Jerusalém tornara-se desconfortável para os Apóstolos.

Por toda a parte viaja Pedro. Em Jope um sonho sobrenatural leva-o a Cesaréia a contatar com os gentios. Alastra-se o Evangelho. Os bárbaros são por Ele alcançados. Convertem-se Cornélio e todos de sua casa.

A mentalidade preconceituosa, no entanto, permanecia nos discípulos hebreus, pois anunciavam a Palavra somente aos

judeus (At.11:19). Pela instrumentalidade de alguns cíprios e cirenenses, estabelece-se o Evangelho em Antioquia, a seguir, visitada por Barnabé, o qual vai a Tarso buscar Paulo.

Enquanto Paulo e Barnabé se dedicam em Antioquia, outra vez recrudescer a violência em Jerusalém. Sob a truculência de Herodes assassinado espada o Apóstolo Tiago, irmão de João. Pedro, outrossim, visado para se lhe seguir no sacrifício. Encarcerado, livra-o da sanha de Herodes um anjo.

Posto em liberdade, “partiu para outro lugar”, assinala At.12:17. Que lugar? Não o sabemos! Certamente outro lugar fora do arbítrio de Herodes. Um lugar estrangeiro.

Vemo-lo mais tarde de novo em Jerusalém a participar daquela assembléia que tratou da absoluta dispensa da circuncisão e da Lei de Moisés para a salvação do pecador, também gentio.

De certo, entre o assassinio do Apóstolo Tiago e esta reunião, os Apóstolos sobreviventes não permaneceram em Jerusalém, porquanto assumiu as funções de Pastor da Igreja nessa cidade, Tiago, irmão do Senhor.

Fora de Jerusalém os Apóstolos se espalham por terras distantes. Pedro radica-se em Babilônia (1 Pd.5:13) e João na Ásia (Apoc. 1:4), sendo aprisionado na Ilha de Patmos (id. 1:9).

E o segredo do sucesso do Ministério de Paulo Apóstolo? Está nas perseguições que o impeliam de um lugar para outro.

Chegava ele numa localidade. Pregava o Evangelho. Almas se convertiam. Organizava-se a Igreja. Sobrevinha a violência. Acossava o Apóstolo. Dirigia-se ele para outra localidade onde recomeçava tudo...

Em chegando as cidades procurava logo a sinagoga. Anunciava Jesus Cristo aos judeus. Contra diziam-no. Recalcitravam, blasfemavam contra o Salvador. E Paulo, visto que os judeus rejeitavam a Palavra de Deus, tornava-se para os gentios (At.13:46). A perseguição dos seus patrícios lho via-o em rumo da gentilidade.

Assim foi em Antioquia da Pisídia. Em Icônio. Em Listra onde os judeus da Antioquia e de Icônio, conluídos, incitaram a multidão a apedrejar o Apóstolo.

Assim foi em Filipos, em Tessalônica, em Atenas, onde os filósofos o desprezaram. Sempre as perseguições a empurrá-lo para outros lugares...

Assim foi em Corinto, em Éfeso, na Grécia...

Em Jerusalém é preso. Réu de muitas denúncias, transferido por medida de segurança para Cesaréia. Encarcerado e algemado prega a Palavra do Evangelho as mais altas autoridades religiosas e civis do seu povo.

De Cesaréia, acusado como se fora "uma peste e promotor de sedições entre todos os judeus", levado para Roma. Roma, a Capital do mundo, atingida pelo Evangelho por intermédio de Paulo, preso e sujeito a ser sentenciado a pena de morte. Roma de crentes piedosos e sofredores imitação do Apóstolo; crentes cuja fé se anunciara em todo o mundo (Rm. 1:8).

Tantos frutos de seus padecimentos que de Roma pode escrever aos filipenses, "em nada atemoriza dos pelos adversários", enviando-lhes inclusive saudações dos do palácio imperial de Cesar: "E quero, irmãos, que saibais que as coisas que me aconteceram tem antes contribuído para o progresso do Evangelho; de modo que se tem tornado manifesto a toda a guarda pretoriana e a todos os de mais, que por Cristo que estou em prisões; também a maior parte dos irmãos no Senhor, animados pelas minhas prisões, são muito mais corajosos para falar sem temor a Palavra de Deus" (Fl. 1:12-14).

É o sofrimento pela Causa do Mestre a conduzir Paulo por tantas regiões, até Roma, e a incentivar todos no disseminar a Palavra.

EM RUMO DO BRASIL

AS NOTÍCIAS SOBRE as incomuns possibilidades do Brasil excitaram a cobiça de NICOLAU DURAND VILLEGAINON, cavalheiro da Ordem de Malta, "mui zeloso de guardar a fé católica". Sua condição de sobrinho do famigerado cardeal de Lorena, mentor da Rainha Catarina e do Rei Carlos IX, fazia-o desembaraçado e assíduo nos corredores dos palácios da França. Transmitira-lhe o tio o vírus do rancor doentio aos huguenotes calvinistas. Presenciara toda a conspiração do purpurado contra eles.

Exímio discípulo de tão repelente mestre sobressaiu-lhe em perfídia ao engendrar um diabólico plano. Com o aval da influência do seu tio cardeal de Lorena, aguçando mirabolantes sonhos na cabeça do monarca, propôs a Carlos IX conquistar ao Brasil larga faixa de território a alongar seus domínios em terras americanas sob a denominação de França Antártica. O ambicioso Rei anuiu-lhe proposta e favoreceu-lhe navios, artilharia, munições, provisões de boca e dinheiro.

Provido de todo o material indispensável e de meios de transporte marítimo, faltava-lhe, contudo, o pessoal capaz de semelhante arriscada empresa.

Ardiloso e dissimulado, homem de duas caras, ambas lambuzadas de pieguice, achega-se ao Almirante Coligny e revela-lhe sua nova postura religiosa. Relata-lhe sua conversão ao Evangelho minuciando-lhe lances inventados por seus miolos fermentados por tanta maldade.

Preparado o terreno manifesta a Coligny seu plano de levar para o Brasil huguenotes perseguidos e dispostos a acompanhá-lo. Na nova terra destruiriam de liberdade religiosa e oportunidade para pregar aos índios e portugueses caso desejássem.

De grande boa-fé sem se aperceber da arriosa, o Almirante comunica o programa a Calvino e a alguns outros.

João Calvino, sempre acostumado a viver nas altas esferas do pensamento e da pesquisa intelectual e a usufruir da

meditação das Sagradas Escrituras, não pode perceber a armadilha.

E na expedição do fervoroso católico Villegaignon, travestido de evangélico, aporta na Guanabara, aos 10 de novembro de 1555, o Pastor Jean Jacques le Baileur acompanhado de muitos irmãos na fé Sonhavam encontrar no Brasil aquela liberdade religiosa que a França não lhes podia dar, liberdade que lhes possibilitasse viver em paz e em paz anunciar as sublimes verdades da Santa Palavra de Deus.

A TRISTE REALIDADE DA TRAIÇÃO

EM SENDO O CINISMO a sua norma natural de comportamento, Villegaignon, aqui no Brasil encastelou-se na ilha que hoje tem o seu nome. Nela instalado, cercou-a de fortificações e muralhas. Isolados seus companheiros de armada, subjugou-os à sua exacerbada autoridade.

Esgotados os estoques de viveres, ocorreram os resultados da miséria em graves divergências da parte dos seus comandados, para cuja repressão exercia feroz arbítrio.

As acerbas e justas críticas surgiam dos Ministros Huguenotes, as pessoas mais esclarecidas da esquadra.

Uma discussão precipitou os acontecimentos. Em 21 de março de 1557 celebrou-se sob a presidência de Jean Jacques le Balleur, pela primeira vez no Brasil, a CEIA DO SENHOR consoante os sagrados registros.

O episódio acirrou as disputas no tocante às doutrinas divergentes entre calvinistas e católicos. Villegaignon, católico fervoroso, defendia a transubstanciação e presença real e física de Cristo nas espécies sacramentais. O ex-frade dominicano João Cointac, de idêntico estofo moral do chefe da esquadra, que posteriormente retornou ao romanismo, Coitanc, no fragor das disputas, descambou para o terreno das agressões pessoais e, juntando a magoa por causados desmandos do chefe, assacou insultos contra a pessoa de Villegaignon. Pretendendo este reabilitar-se no conceito dos seus comandados, recorreu ao extremo do arbítrio. Sentenciou à morte Cointac e os Pastores Calvinistas.

No intento de se desvencilhar deles, recorrendo aos postulados da "santa inquisição", assassinou os Pastores Jean du Bourdell, Mathieu Verneuil e Pierre Bordoun.

Cointac, ao fugir, logrou conservar-se vivo. Os outros, como Jean Jacques le Balleur, cognominado pelos brasileiros de JOÃO BOLLÉS, certos de serem igualmente atingidos pela truculência do desalmado Villegaignon, embarcaram nas canoas dos tambois arregimentados pelo chefe do forte, que iam a São Vicente

guerrear os colonos e os guaianases. Em chegando a Bertioga, embrenharam-se floresta a dentro e se refugiaram em São Vicente a ver se obtinham dos lusitanos melhor acolhida.

O comandante fracassado multiplicava a tirania no desejo de reprimir a debandada.

Entrementes chegaram-lhe da França novos recursos em provisões e gente.

Naqueles tempos, desprovidos dos atuais meios rápidos de comunicação, as notícias demoravam muito para chegar ao seu destino. E muitas vezes chegavam deturpadas ao sabor dos interessados.

Os relatórios de Víllegaignon a Calvino, preparados ao talante do verdugo, encobriam a realidade da situação. Em consequência, outra leva de huguenotes enviados por Calvino, chegou ao Rio de Janeiro, a França Antártica, sob o comando de Bois-le-Comte, sobrinho de Villegaignon. Pouco lhe adiantaram os parcos reforços. Suas atitudes repressivas indispueram-no até com seu sobrinho. Nesta conjuntura de fracasso total retornou a França a fim de, ao lado do Rei Carlos IX, prosseguir a perseguição contra os calvinistas.

No Brasil, a sustentar a miragem de uma França Antártica, permaneceu Bois-le-Comte, disposto a se aproximar dos indígenas e a permitir facilidades com eles também por parte de seus comandados.

Em meu livro: ANCHIETA: SANTO OU CARRASCO? prossigo o relato das atividades dos franceses no Rio de Janeiro e a expulsão completa deles por Estácio de Sá sob orientações do seu orientador bíblico "pe." José de Anchieta.

INTRÉPIDO MISSIONÁRIO

MINISTRO EVANGÉLICO, acossado pelas perseguições da "santa inquisição" em sua pátria, apesar das vicissitudes de foragido da truculência de Viliegaignon, longe de se entregar ao desânimo, dedicou-se a evangelizar lusitanos, mamelucos e silvícolas de S. Vicente, o seu novo refúgio.

É a intrepidez apanágio dos discípulos do Senhor! Expulsos duma localidade, persistem evangelizar em outro lugar, embora contem sempre com o risco de nova expulsão. Jamais se acomodam!

Comparecem Pedro e João perante o Sinédrio por terem sido detidos após a cura do paralítico postado junto porta especiosa do Templo, ao ensejo de que, anunciaram em Jesus Cristo a remissão dos pecados. Tentaram os juízes uma solução conciliatória entre as partes. Se não falassem mais em Nome de Jesus, usufruiriam ampla liberdade.

"Mas Pedro e João, respondendo-lhes disseram: julgais vós se justo diante de Deus ouvir-vos antes a vós do que a Deus; pois nós não podemos deixar de falar das coisas que temos visto e ouvido" (At.4: 19-20).

Ao invés de se intimidarem os discípulos, aquelas ameaças acicatavam-nos a falar com intrepidez a Palavra. (id.4:29).

Que tempos são estes nossos! Amaciados e ablandiciados os evangélicos, temerosos de danos materiais, se encastelam na cínica covardia por admitirem excepcionais oportunidades nos acenos ecumênicos. E aos corajosos pregadores do Evangelho, que afrontam a mentira religiosa, cobrem de sarcasmo, de vilipêndio e motejos: "superado", "radical", "fanático"...

Se João e Pedro nos dias atuais, volvendo terra, repetissem sua ousadia, os evangélicos amancebados com o cinismo ecumênico cobririam-nos de vexatórios apodos. E João Bollés teria a inaudita amargura de se ver sozinho... Barrar-se-iam os púlpitos a Jesus Cristo e a Paulo...

Queria ver Jesus Cristo pregando nessas “igrejas” de almofadinhas, Cujos “pastores” - mercenários buscam prevalecer o fausto, a “pose”, o eufemismo, a tergiversação como fatores de credibilidade. Jamais lhe cederiam o púlpito! E seriam eles os primeiros a vaiá-lo!!!

Bollés, de peregrinos dotes intelectuais, ardia no anelo de pregar a Palavra de Deus!

Reconhecem-lhe o valor intelectual os próprios escritores romanistas, como o maranhense João Francisco Lisboa: “homem instruído e versado nas Sagradas Escrituras.., conhecia perfeitamente o latim, o grego e hebraico”.

Seus atributos intelectuais são inocultáveis para o próprio Anchieta: “homem douto nas letras latinas, gregas e hebraicas e mui lido na Sagrada Escritura”. E também para o primeiro biógrafo de Anchieta, o escritor jesuíta Pero Rodrigues: “era ele bom humanista latino, grego e tocava de hebraico; muito visto na Sagrada Escritura...”

(Esse documentário aqui mencionado se encontra por extenso citado com todas as indicações para se averiguar de sua legitimidade, em meu livro ANCHIETA: SANTO OU CARRASCO?, cuja leitura de todo se recomenda).

Realçamos na palavra imparcial dos clérigos essas qualidades de Bollés pelo nosso desejo de bem informar sobre o valor pessoal daqueles semeadores da genuína Palavra de Deus nestes Brasis. Não eram eles “gentinha” como se o Evangelho só fosse seguido por “gentinha”, consoante propalam os sacerdotes católicos.

De altas prendas da mente, distinguiam-no sobretudo a “paixão” pelas almas perdidas e o anelo por, disseminando a Palavra de Deus, desmascarar a mentira religiosa.

Apesar da tesoura do clero loiolista, vida de retirar dos escritos de Anchieta e dos escritos de outros sobre ele, tudo quanto poderia deslustrar a fama de “santo” do considerado “apóstolo do Brasil”, não logrou êxito pleno por lhe ser impossível arrancar tudo como desejava. Os biógrafos do “taumaturgo do Novo Mundo” se vêem vencidos no seu afã de encobrir a operosidade evangelística de Bollés.

Anchieta não consegue esconder: "... e uma fácil e alegre conversação que tanto fazia espantar os homens para o estimarem".

A atuação missionária alarmou o "pe" Luiz da Grã, superior da casa inaciana em São Vicente.

Charles Sainte-Foy, o biógrafo francês de Anchieta, afirma: "de grande loquacidade, habilíssimo na arte de ganhar corações e de mais a mais com uma eloquência insinuantíssima e tanto mais funesta, quanto parecia menos artificiosa, esse homem perigoso, que de herege passara a heresiarca, ia semeando os seus erros pelas populações; primeiro à pureza e sorrateiramente, logo às escâncaras declamando em público contra as santas imagens, autoridade da Igreja e mais dogmas da religião católica" (citado em meu livro ANCHIETA: SANTO OU CARRASCO?).

Em carta de 1º de junho de 1560, que o "papa" João Paulo II mencionou em seu discurso sobre Anchieta quando passou por São Paulo em 1980, a Anchieta foi impossível deixar de reconhecer os frutos da atuação missionária de Bollés. Conquanto se expressa com termos deprimentes, legou-nos as seguintes preciosas informações: "E o que mais, já a pestilência pouco a pouco grassava nos corações incautos da imperita multidão que sem dúvida muitos se infeccionaram da peçonha mortal sem haver a menor resistência".

SUA PRISÃO

ENTRE OS “CORAÇÕES incautos da imperita multidão”, com absoluta certeza, incluía-se o Luiz da Grã, porquanto Anchieta, em sua carta de 1º de Junho de 1560, admite a desmoralização desse da Grã perante seus próprios fiéis por verem-no derrotado em suas polêmicas com Bollés. Desprovido da força do argumento, como si acontecer entre os sacerdotes, recorreu ele ao argumento da força. Denunciou seu contendor como herege!

O historiador maranhense João Francisco Lisboa, por mim citado em ANCHIETA: SANTO OU CARRASCO?, reconhece a imperícia de da Grã no manuseio das Sagradas Escrituras. “Como quer que (Bollés), enobrecido e rico com tantos dotes do engenho, armasse algumas disputas e controvérsias com o pe. Luiz da Grã, acusou-o este de andar infeccionando as suas ovelhas com a peçonha da heresia, e com tal pretexto fê-lo prender e remeter para a Bahia, onde jazeu num cárcere oito anos”, de 1559 a 1567 quando foi enforcado por Anchieta.

Nessa ocasião fugiram dois detentos e supondo o ouvidor-geral o risco de idêntica aventura por parte do Pastor Calvinista Bollés, mandou agrilhoá-lo em ferros na infecta masmorra.

E por persistir, apesar de encarcerado e algemado, em pregar o Evangelho, por três vezes tentaram a flechadas contra sua vida.

Sua fidelidade a Jesus Cristo e à São Doutrina da Palavra de Deus moveu-o a arrostar todas as agruras da masmorra sem mesmo esmorecer de anunciara Verdade do Evangelho aos companheiros de prisão, aos soldados e às visitas que apareciam, após as peripécias com a carceragem.

Condenado a morrer queimado, recorreu da sentença ao cardeal Henrique de Lisboa.

Já naqueles tempos a lentidão da justiça se tornara proverbial. E antes de ser julgado o recurso, Mem de Sá, instigado pelos jesuítas, recambiou-o para o Rio de Janeiro, pois

deveria morrer onde principiara o exercício do seu ministério aqui no Brasil.

A PARTICIPAÇÃO ASSASSINA DE ANCHIETA

EMBORA TEIMASSEM os sacerdotes em demova-lo de suas "heresias", Bollés, na Bahia, permaneceu inflexível nas suas convicções e em anunciar, com ousadia o Evangelho aos circunstantes.

Em chegando ao Rio de Janeiro incumbiram Anchieta, há pouco ordenado sacerdote e como neo-sacerdote com todo o fogo inquisitorial, de dissuadir o Pastor de suas idéias religiosas.

Se nas masmorras baianas, sofrendo atentados, sua fé permaneceu inabalável perante os assédios da apostasia, não seria o "pe." José capaz de remover-lhe da consciência a decisão de fidelidade à Palavra de Deus.

O clero tem muito disso Aproxima-se o sacerdote do "herege" moribundo e, sem qualquer testemunha, passa a divulgar o boato de sua "conversão" ao catolicismo. Ao tempo de "padre" em Pernambuco assisti a um desses fatos. Notificado da grave enfermidade do Pastor Jerônimo Gueiros, um dos luminares do Presbiterianismo Brasileiro, foi o arcebispo romanista, por mim acompanhado, visitá-lo. Em retornando ao palácio arquiepiscopal narrava a lorota de que Jerônimo Gueiros, arrependera-se das "heresias" professadas em toda sua vida, abjurara-as e com o prelado rezara a "ave-maria, suplicando valimento da "senhora, refúgio dos pecadores".

De modo semelhante fizeram com Rui Barbosa. Sem qualquer fundamento, informaram ao povo crédulo haver ele aceitado os "últimos sacramentos".

Houve em nosso País um sacerdote, Leopoldo Aires, que se converteu ao Evangelho e entre os evangélicos realizou excelente ministério. Quando gravemente enfermo recebeu visita de vários clérigos. Educado e fino, jamais lhe passou pela cabeça recusar a visita de quem quer que fosse. Após sua morte espalharam os "padres" o seu "arrependimento" e seu retorno ao catolicismo. Suas demonstrações de "arrependimento" foram tamanhas que morreu "com odor de santidade", boateiam os clérigos.

Em 1975 sofri grave acidente automobilístico que me levou, por muitos dias, a um hospital. Dentre as muitas pessoas que me visitaram, esteve junto de meu leito um sacerdote. Medidas foram tomadas no sentido de não permanecer sozinho ao meu lado o clérigo. A prudência nos sugeriu medidas consentâneas para que, na eventualidade de minha morte, não divulgasse ele notícias de meu “arrependimento” e minha volta ao seio da “madre”.

Naqueles tempos de espesso obscurantismo religioso, a lei fazia um sacerdote acompanhar o réu ao cadafalso. No caso de Bollés, Anchieta foi quem o seguiu.

As últimas instâncias para abjurar o Calvinismo e refugiar-se no romanismo, como todas as vestidas anteriores, caíram no vazio. A vítima do ódio clerical, impertérrita, permaneceu em sua lealdade a Jesus Cristo!

João Francisco de Lisboa reconhece: “com ânimo firme e resolutivo, perseverou na sua fé, e afrontou a morte”.

Retardou o algoz o desfecho fatal. Dizem que por imperícia, mas na verdade por compaixão do inocente que tendo sido por ele já instruído a cerca do Evangelho. O fato que Anchieta, de espírito odiento, antecipou-se ao carrasco e enforcou Bollés, um dos mártires evangélicos do Brasil.

“E porque o carrasco, talvez condoído, sem coragem de apressar a morte da vitima inocente - ele mesmo, o santo José de Anchieta”, no dizer do católico Arthur Heulhard, “acaba de matá-lo, dizendo, ufano, ao carrasco acovardado: Eis a como se mata um homem! VOI LA COMM IL FAUT FAIRE (ROY DEL’AMERIQUE, pgs. 170-171, obra essa publicada em 1897 por ocasião das festas do tricentenário de Anchieta, em cujas páginas também classifica Villegaignon de “O Caim da América”).

E Anchieta se tornou além de responsável por tantos crimes perpetrados sobre tudo contra indígenas indefesos, culpado também da torpíssima ação de ser algoz de um SANTO.

BOLLÉS O SANTO

NÃO NA ÇONCEITUAÇÃO romanista, elevado aos altares da feitiçaria.

SANTO, sim, na autêntica avaliação bíblica!

Com efeito, ele no um “santo” na conceituação católica elevado aos altares por um decreto de um homem intitulado “papa”. Não!

Um homem por mais importante jamais pode introduzir algum nos Céus ou entronizar quem quer que seja na Corte Celestial.

Consoante estapafúrdias exigências das leis romanistas, o candidato a “santo” deve fazer, pelo menos, três milagres extra-ordinários de autenticidade comprovada. Faltando os portentosos prodígios o candidato não prova a sua almejada santidade e não pode ser canonizado “santo”.

A admitir-se o processo canonizatório do catolicismo, as pessoas consideradas pelas próprias Sagradas Escrituras como SANTAS ou JUSTAS, jamais poderiam ser santas, pois nunca fizeram qualquer milagre. Cito exemplos! E de personagens de notável gabarito espiritual.

José, esposo de Maria, “era justo” (Mt. 1:19), mas nunca fez qualquer milagre. Portanto, para o catolicismo não poderia ser santo.

Zacarias e Isabel, pais de João o Batista, “eram justos diante de Deus” (Lc. 1:6), e, também, jamais fizeram qualquer prodígio. Nesse caso, para o romanismo estão impossibilitados de ser santos.

Simeão, “homem justo e temente a Deus... e o Espírito Santo estava sobre ele” (Lc. 2:25), nenhum portento realizou. Por conseguinte, jamais incluir-se-á o seu nome entre os “santos” católicos.

E João o Batista? Enaltecido já antes de nascer quando o anjo, ao anunciar seu nascimento, a o seu pai Zacarias,

prognosticou: "ele será grande diante do Senhor., e será cheio do Espírito Santo já desde o ventre de sua mãe" (Lc. 1:15)... João o Batista, "profeta do Altíssimo" na preparação "dos caminhos do Senhor" (id. 1:75)... João o Batista, que no era um frágil "caniço agitado pelo vento" e nem "um homem trajado de vestes luxuosas"... João o Batista, "muito mais do que um profeta" (id.7:24-26)... João o Batista exaltado por Jesus Cristo jamais agitou a admiração das multidões com algum estupendo prodígio... Nem com um inexpressivo milagre de curar instantaneamente uma simples dor de dentes.

Para o catolicismo, nesse caso, a conclusão há de ser inexorável: - João o Batista, por não comprovar sua santidade com milagres, não pode ser canonizado "santo".

Com efeito, onde nos anais católicos romanos o processo da e a canonização de José? De Zacarias? De Isabel? De Simeão? De João o Batista?

E de tantos outros personagens bíblicos, também do Velho Testamento, incluindo-se Abraão?

A "canonização" católica, que a cerimônia oficial presidida pelo "papa" para proclamar alguém "santo", é por conseguinte destituída por completo de qualquer base nas Sagradas Escrituras. A "canonização" romanista tem, sim, a sua origem no velho paganismo. Este, sua escolha, exaltava as pessoas ao posto de semi-deuses por meio de uma solenidade chamada APOTEOSE. Mudaram os nomes, mas o fato idêntico.

Pela "canonização" ou apoteose do antigo paganismo, o "santo" se torna intercessor dos seus de votos perante Deus e seus méritos, desde a canonização, acumulados no chamado "tesouro da igreja", contribuem para a salvação de pecadores que a eles recorrem.

Nada disso se encontra nas Santas Escrituras. Estas, como Palavra Infalível de Deus, ensinam-nos que só Jesus Cristo o Salvador. Ele diante de Deus o Único Mediador, o Único Advogado, o Único Intercessor dos homens. Admitir outros medianeiros ou advogados ou intercessores rebelar-se contra a Vontade de Deus, querer anular a Todo-Suficiência do Sacrifício de Jesus Cristo. Significa negar Jesus Cristo, Senhor nosso.

Como há de ser santo o mártir Bollés?

Ter-se-ia ele, com prodigiosos milagres, credenciado-se ao honroso posto?

Não! Conquanto sustentara-se pela Graça de Deus ímpertérito na fidelidade radical (radical e inflexível até ao sangue) ao Senhor e São Doutrina, jamais fez qualquer milagre. Nem após a sua execução pelo “pe.” José de Anchieta perpetra Bollés, contudo, SANTO!

Santo, não canonizado por qualquer “papa” ou pela palavra de qualquer “sumo pontífice” humano!

Ele SANTO segundo a Palavra de Deus!

Com efeito, as Sagradas Escrituras, sem qualquer canonização, declaram infalivelmente SANTO todo o pecador que, de coração arrependido, aceita pela fé evangélica, nosso Senhor Jesus Cristo como seu ÚNICO Salvador. Por esta experiência da conversão ele regenerado, nasce de novo, ou seja, do Alto ou da Graça de Deus (cf. Jo. 3:3-7).

Regenerado pela Graça de Deus, purificado pelo Sangue de Jesus Cristo (1 Jo. 1:7), com todos os seus pecados em definitivo e em absoluto perdoados (Hb. 10:17), esse pecador SANTO, isto, POSTO À PARTE ou SEPARADO do mundo, do poder de satanás e dos grilhões do pecado, para servir a Deus.

Sem quaisquer milagres que chamem a atenção do povo, todos os pecadores que se submetem evangelicamente a nosso Senhor Jesus Cristo, são SANTOS. “... mas fostes lavados, mas fostes SANTIFICADOS, mas fostes justificados em Nome de Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus”, exclama o Apóstolo em 1 Cor. 6:11.

Por conseguinte, todos os crentes evangélicos o santos na acepção bíblica do vocábulo (Rm. 16:2; 1 Cor. 1:2; 6:1—2; Ef.3:8; 5:3; Fl.4:21).

Levam sua vida normal. Trabalham, comem, riem, choram, andam, dormem, sofrem como todos os homens... Tais como os santos de Jerusalém (At. 9:13), de Colossos (Cl. 1:2), de Corinto (1 Cor.1:2), de Roma (Rm. 1:7), de Filipos (Fl. 1:1), de Lida (At.9:32), de Éfeso (Ef. 1:1), da Acaia (II Cor. 1:1).

São todos eles SANTOS, não por canonizá-los algum "papa". Incluem-nos entre os SANTOS as Sagradas Escrituras porquanto, ao confiarem em Jesus Cristo como seu. Único Salvador, receberam dEle Vida Eterna e, no mesmo instante, passando da morte para a Vida, tornaram-se SANTOS, isto, separados da perdição eterna e consagrados em definitivo à salvação no Céu (Jo. 5:24).

Jean Jacques le Balleur, o nosso Bollés, supliciado pelo carrasco "pe." José de Anchieta, nessas condições legítimas porque bíblicas, um VERDADEIRO Santo.

SANTO, agora junto de Deus nos Céus, não intercede por nós, pois o nosso Exclusivo Mediador Jesus Cristo. Seu exemplo de inquebrantável fidelidade a nosso Senhor Jesus Cristo e Sua Palavra estimula-nos ao heroísmo da mesma fidelidade porque "na verdade todos os que querem viver piamente em Cristo Jesus padecerão perseguições" (II Tm. 3:12).



S. CONGREGATIO DE PROPAGANDA FIDE

Roma, 12 de Novembro de 1971

Exmo. snr. D. Paulo Evaristo Arns,

PAX ET BONUM

Faço votos de que os seus empreendimentos à frente da saudosa Arquidiocese de São Paulo estejam se concretizando.

Tivemos conhecimento da sentença judicial favorável ao Padre Aníbal Pereira dos Reis. Certamente ele tomará medidas para proclamar e divulgar amplamente essa decisão porque isso lhe interessa. É lamentável que a sorte lhe haja favorecido. Agora, por certo, ele se inflamará ainda mais na sua pertinácia de pregador protestante.

Como seu antigo professor e observador de suas atividades como seu bispo que fui, reconheço ser ele um dos sacerdotes mais cultos do Brasil. É invejável a sua enorme capacidade de trabalho. Inteligente, culto é, ainda, teimosamente trabalhador. No momento é o herege mais em evidência no Brasil e quem mais perturba o avanço do ecumenismo. Não fosse ele e muito mais já se teria conseguido. Os seus livros, além de suas pregações, vêm causando enormes dificuldades para os nossos planos aí no Brasil. Tememos que essa literatura seja traduzida em outras línguas, o que iria alastrar o mal em outros países.

O Santo Padre, informado de tudo e apreensivo, solicita-lhe, por meu intermédio, que insista nas reuniões da CNBB para que se estudem medidas a serem adotadas para coibir e neutralizar os efeitos do trabalho desse sacerdote. Se nós o perdemos, o que foi enorme prejuízo, agora é necessário barrar-lhe a impetuosidade.

O que fazer? Como já disse, é preciso que se estudem medidas adequadas. Talvez promover alguma coisa para desmoralizá-lo entre os próprios protestantes.

Os bispos no Brasil devem se convencer de que o Padre Aníbal é o sacerdote que atualmente mais causa preocupações a Paulo VI, que está sumamente interessado numa urgente solução.

Mande-me sempre notícias, bem como recortes interessantes de jornais e revistas.

Envie-me também informações sobre o exame e as medidas a serem tomadas pela CNBB sobre o assunto Padre Aníbal Pereira dos Reis a fim de manter informado o Santo Padre.

Com um abraço de

+ Agnelo Rossi

Cartório do 1º Ofício de Notas,
 Rua Roberto Simoes, 25 - 4º PAVÃO
 Bairro Paraisópolis - J. P. 3
 1. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 VALDIR MARTINS (Assinatura)
 Escrivão Público

At. Emitido	Cd. 012
At. Emitido	Cd. 012
Cart. Emitido	Cd. 012
TOTAL	Cd. 012

Em nome do cartório
 o cartório é emitido
 das certificações legais
 e para por verba.

SELCA ESTADUAL E DE APOSEN-
 TADORIA PARA POR VERBA

25.º CARTÓRIO DE NOTAS
 TABELÃO MILANI
 R. Alameda Marília n.º 25 - Lapa - S. Paulo
 CEP: 05071-000 - Fone: 3081-3081 - 3081-3081
 1. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 2. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 3. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 4. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 5. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 6. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 7. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 8. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 9. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 10. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 11. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 12. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 13. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 14. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 15. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 16. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 17. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 18. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 19. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 20. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 21. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 22. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 23. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 24. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 25. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 26. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 27. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 28. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 29. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 30. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 31. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 32. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 33. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 34. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 35. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 36. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 37. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 38. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 39. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 40. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 41. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 42. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 43. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 44. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 45. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 46. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 47. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 48. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 49. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 50. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 51. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 52. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 53. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 54. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 55. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 56. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 57. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 58. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 59. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 60. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 61. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 62. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 63. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 64. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 65. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 66. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 67. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 68. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 69. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 70. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 71. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 72. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 73. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 74. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 75. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 76. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 77. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 78. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 79. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 80. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 81. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 82. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 83. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 84. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 85. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 86. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 87. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 88. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 89. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 90. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 91. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 92. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 93. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 94. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 95. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 96. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 97. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 98. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001
 99. Publicação de 10/01/2001 a 10/01/2001
 100. Em data 10/01/2001 a 10/01/2001



SACRA CONGREGATIO
PRO GENTIUM EVANGELIZATIONE
SEU DE PROPAGANDA FIDE

Roma, 2 de maio de 1979
Emo. Sr. Cardeal Arns,
Saudações

Li os recortes que me enviou sobre o relatório da CISA divulgado pela revista Veja. Houve então outra oportunidade, sem nós esperarmos, de serem divulgadas as nossas explicações a respeito da carta de novembro de 1971 em que lhe falei do padre Aníbal Pereira dos Reis.

De qualquer forma, penso, ele foi desmoralizado entre os protestantes.

Estou informado de que muitos, incluindo-se os chefes batistas, por causa da divulgação das minhas explicações para taxar aquela carta como forjada e espúria, consideram o padre Aníbal o autor dela. E isso é ótimo para nós. Quando apresentei ao Jornal Batista as justificações para ser considerada a carta de novembro de 1971 apócrifa, nem pensei em atribuir a falsificação ao padre. Se dei a entender isso, tanto melhor.

Naquela ocasião fiquei surpreso com a divulgação daquela minha carta e até hoje não se descobriu como ela chegou às mãos do padre Aníbal. Isso continua me deixando bastante intrigado. O ótimo porém é que a publicação dela surtiu grandes resultados para nós. Bom será, todavia, que se tome cuidado para que outros documentos nossos não se tornem do conhecimento geral.

Naquele tempo cheguei até a pensar que os protestantes se uniam em torno daquele sacerdote herege, não só para defendê-lo, mas também para prestigia-lo. Pensei que iriam fazer uma enorme arrancada de proselitismo.

Felizmente tudo aconteceu a nosso favor.

O clero brasileiro vai desmoralizando o padre Aníbal a ponto de não encontrar mais oportunidades no próprio meio protestante. O êxito do nosso trabalho se deve em muito à desunião dos protestantes, à falta de inteligência dos seus chefes e à ambição des-

EXCANTONIO DE NOTAS S.P.

DR. JOSE VALDIR ALVES
-32, AUT.

AUTENTICAÇÃO
Autentico a presente cópia repro-
gráfica conforme o original e mia
representação do que deu fe.

São Paulo, 5 de Junho de 1977
Em test. verdade

ESPINOZA J. G. FERRERA
JOEL SOARES E FERNANDO
MARIO SINTOS - Soc. Astrológica



SACRA CONGREGATIO
PRO GENTIUM EVANGELIZATIONE
SEU DE PROPAGANDA FIDE

A própria literatura do padre Aníbal Pereira dos Reis não tem nos meios protestantes aquela aceitação que poderia ter. Felizmente porque isso se dá. Nós estaríamos assaz prejudicados se houvesse maior aceitação dos livros dele, pois sua argumentação é segura e sólida.

Penso, sr. Cardeal Arns, ter chegado a hora de jogarmos a última pá de terra no padre Aníbal.

Conheço-o muito bem. Estou certo do seu descontentamento nos meios protestantes batistas. Ele tem muitas energias e não se conforma em ser pouco aproveitado com poucas oportunidades. Penso que agora já podemos afastá-lo de vez. Talvez seria muito aconselhável que se o procurasse para lhe oferecer um bom cargo, por exemplo, de diretor clínico de um dos nossos hospitais. Assim ficaria para sempre afastado do trabalho de pregador protestante. Nós ficaríamos livres do seu zelo pertinaz com a vantagem de o termos a nosso serviço.

Aí em S. Paulo há sacerdotes que continuam muito amigos dele, como o mons. Expedito Marcondes, o mons. Roberto Roxo, o Dom Angélico. Um deles poderia, com prudência, tratar do assunto com ele.

Agradeço-lhe a remessa dos recortes, os quais sempre aguardo por serem muito úteis.

Outros assuntos trataremos quando estivermos juntos.

Um abraço. Em Nosso Senhor.

Agnelo Card. Rossi

Continuo em tratamento de saúde. A crise de Puebla me abateu muito. Preciso de suas orações nesse sentido.

~~ESPEDITO J. G. FERREIRA
JOEL LOARES E FERNANDO
MARIO SANTOS - Rua Autulvador~~

DO MESMO AUTOR:

OBRAS ESGOTADAS

UM PADRE LIBERTO DA ESCRAVIDÃO DO PAPA
CRISTO? SIM! PADRE? NÃO!!!
AOS "CRISTÃOS" QUE NÃO CRÊEM NA DIVINDADE DE
CRISTO
O PAPA ESCRAVIZARÁ OS CRISTÃOS?
PODER—SE—Á CONFIAR NOS PADRES?
O VATICANO E A BÍBLIA
CATÓLICOS PENTECOSTAIS? ESSA NÃO!!!
O CRENTE E O SEU PASTOR
O ECUMENISMO: SEUS OBJETIVOS E SEUS MÉTODOS
O ECUMENISMO E OS BATISTAS
CRENTE, LEIA A BÍBLIA
ESSAS BÍBLIAS CATÓLICAS!!!
TORTURAS E TORTURADO
ESTE PADRE ESCAPOU DAS GARRAS DO PAPA-Autobiog.
PEDRO NUNCA FOI PAPA! NEM O PAPA VIGÁRIO DE CRISTO
A MISSA
A SENHORA APARECIDA
A SENHORA DE FÁTIMA
A VIRGEM MARIA
OS CURSILHOS DE CRISTANDADE POR DENTRO
O CARDEAL AGNELO ROSSI DESMASCARA O ECUMENISMO
MILAGRES E CURA DIVINA
SERÃO BOAS TODAS AS RELIGIÕES?
O DIABO
JESUS E O DIVÓRCIO
O CRENTE PODE PERDER A SALVAÇÃO?
A BÍBLIA TRAÍDA
CRISTO É ASSIM; SALVA ATÉ PADRE
A GUARDA DO SÁBADO
OS MEUS- GRAVES PECADOS DE PADRE
AS AVENTURAS DO CARDEAL
O CRISTÃO E O SEU CORPO
CARTAS AO "PAPA" JOÃO PAULO II
A BESTA DO APOCALIPSE
666 — APOCALIPSE 13:18
A IMAGEM DA BESTA
A VERDADEIRA IGREJA
ANCHIETA: SANTO OU CARRASCO?
AS VISÕES DE DANIEL

Para receber a excelente e excepcional literatura do Dr. ANÍBAL PEREIRA DOS REIS escreva pedindo informações e lista de preços a

**EDIÇÕES "CAMINHO DE DAMASCO" LTDA.
CAIXA POSTAL 11.755
01000 — SÃO PAULO — CAPITAL**